

A CONCEPÇÃO DE ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DA IMAGEM DE UM BEIJO

VANESSA SILVA DA SILVA¹; NITÉRI FERREIRA VIEIRA²; MÁRCIA ALVES DA SILVA³

¹ *Curso de Pedagogia/FaE/UFPEL. vaneguinh@hotmail.com*

² *Curso de Pedagogia/FaE/UFPEL. vieiraniteri@gmail.com*

³ *Orientadora. Professora do PPGE/FaE/UFPEL. prof.marciaalves07@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo apresentar um estudo realizado com estudantes do 5º ano do ensino fundamental sobre a ideia que fazem das relações de gênero e sexualidade a partir de uma imagem de beijo que circulou na rede social Facebook. Uma das autoras deste texto é professora, da rede estadual de ensino, dos anos iniciais do ensino fundamental. Trabalha com a turma em questão, pelo segundo ano consecutivo; portanto, no 4º e, agora, no 5º ano. Neste tempo vem trabalhando as questões de diversidade de gênero cultural e étnica. Prioriza o ensino dos conteúdos presentes no currículo de forma a ser vinculado à realidade e ao interesse dos e das educandas e, a inserção de temas que não estejam explícitos no currículo oficial, mas que sejam pertinentes ao contexto sócio histórico e à idade dos e das estudantes. Tendo como base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Tema Transversal Orientação Sexual constam no volume 10 do documento dos PCNs, intitulado “Pluralidade Cultural e Orientação Sexual”, compreendendo as páginas 285 a 336. A primeira parte trata, de maneira mais abrangente, das concepções de sexualidade que orientam os parâmetros, sua presença na escola, além da Orientação Sexual na escola e seus objetivos gerais enquanto Tema Transversal. Dentro do tema Orientação Sexual os assuntos a serem trabalhados são divididos nos seguintes eixos: relações de gênero, corpo: matriz da sexualidade e, prevenção de DSTs/AIDS. A partir do eixo relações de gênero, planejou-se uma aula onde, a partir de uma imagem de beijo, discutíssemos as questões de gênero e observássemos as ideias que os e as estudantes trazem das relações afetivas e, por trás disso, das relações de gênero.

Para o planejamento da aula e compreensão das diversas categorias de análise que perpassam o estudo, tomamos como fundamentação teórico-metodológica: Arroyo (2003), Canen e Xavier (2011), Cunha (2007), Macedo (2000), Louro (1997, 2000), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), Sousa Filho (2009).

2. METODOLOGIA

A partir das atividades planejadas para a aula, procurou-se possibilitar a imersão das representações de gênero e sexualidade dos e das estudantes. Na tentativa de desconstruir preconceitos sexuais e de gênero questionou-se as respostas da turma. No desenvolvimento da aula, primeiramente, foi apresentada à turma a seguinte imagem, que circulou no Facebook, sem a escrita. Perguntando quem eles/elas achavam que são os sujeitos A e B. A partir das

respostas das crianças sobre a imagem, problematizar o significado do beijo, e as dimensões social, cultural e histórica implicadas.



Em seguida, pedi para que atribuíssem um nome e uma idade para cada uma das figuras e; elaborassem uma tabela com as características que cada um/uma atribuiu a cada uma das figuras (A e B). Após foi feita a análise com a turma da tabela elaborada com relação às respostas dadas sobre o sexo atribuído às figuras. E ainda, a análise das idades atribuídas às figuras construindo uma reta numérica, a partir desses dados. Problematicando as questões geracionais implicadas no beijo e construindo uma tabela comparativa, a partir das seguintes questões: Qual a faixa etária apresentada nas respostas? Por que dessas idades e não outras, mais baixas (pessoas mais novas) e mais altas (pessoas mais velhas)? Ao final, foi feita uma escrita individual dos/das estudantes sobre suas conclusões acerca do tema abordado nesta aula.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aborda-se a orientação sexual na perspectiva da diversidade e no encontro das teorias multiculturalistas. Para Canen e Xavier (2011), nesse campo teórico,

[...] a diversidade deve ser assumida dentro de uma política de crítica e de compromisso com a justiça social. Isto significa desvelar, questionar e superar os mecanismos que forjam as desigualdades e calam sujeitos e grupos oprimidos, privilegiando projetos, práticas e espaços que permitam sua valorização, seu resgate e sua representação. (CANEN; XAVIER, 2011, p.642)

A orientação sexual é entendida, aqui, segundo a conceituação de Sousa Filho (2009, p.72)

Uma primeira definição de orientação sexual seria a atração e o desejo sexuais (paixões, fantasias) de uma pessoa por outra de um gênero particular, portanto, a direção da atração e do desejo nas escolhas afetivo-sexuais. Certamente, considerando a diversidade do desejo e as pluralidades do prazer, as orientações sexuais não terminam com as variantes conhecidas (hétero, homo e bissexualidade) nem podem ser simplificadas ao preço de uma nomenclatura que pode dizer muito pouco do que elas são. Temos ainda as relações que envolvem os transgêneros (travestis e transexuais), que introduzem novos elementos para a reflexão sobre as chamadas orientações sexuais e em suas próprias relações com papéis de gênero, relações de gênero etc. Nessa perspectiva, as chamadas orientações sexuais constituem sensibilidades e expressões do desejo e do prazer que podem aparecer na vida de um indivíduo de muitas maneiras, sem que sejam fixas e inevitáveis.

Portanto, orientamos o desenvolvimento deste trabalho no sentido de compreender a “orientação sexual” como um conceito amplo, plural e complexo, envolvendo construções histórico-sociais de identidade. Além de ser considerado,

sinônimo de escolha, opção, preferência e práticas do desejo. Nessa perspectiva, abordamos o tema transversal na perspectiva da diversidade sexual. Entretanto, nos Parâmetros, a proposta de orientação sexual é apresentada como sinônimo de educação sexual; complementar à educação sexual familiar. Procurando “considerar todas as dimensões da sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural, além de suas implicações políticas”. (PCN, 1997, p. 295)

Na tabela 1, constam os nomes, por conseguinte os sexos, e as idades atribuídas pela turma. A partir disso, podemos constatar que a grande maioria da turma, com exceção de uma aluna, considerou que aquele beijo, expressão de um relacionamento sexual, seria dado por um casal heterossexual. A menina que indicou que poderiam ser duas mulheres, quando foi questionada do por que, respondeu perguntando “E por que não poderiam ser mulheres?!”. Com isso, observamos que a imagem que as crianças tem de relacionamentos ainda está muito ligada as relações heterossexuais dominantes em nossa sociedade.

Tabela 1: Quem são essas figuras e quais suas idades?

Figura 1 (A)	Figura 2 (B)
Cássio 25 anos	Ana Lucia 21 anos
Maria 29 anos	Carlo 31 anos
Lucas 30 anos	Joana 29 anos
Soraia 17 anos	Luis 15 anos
Thiago 32 anos	Fernanda 29 anos
Augusto 33 anos	Alícia 30 anos
Mário 31 anos	Anucena 32 anos
Nelson 18 anos	Estefany 22 anos
Junior 33 anos	Patrícia 31 anos
Matheus 24 anos	Alessandra 20 anos
Maiara 24 anos	João 23 anos
Jamili 16 anos	Alice 18 anos
Paulo 26 anos	Carla 24 anos
Caio 20 anos	Vanessa 19 anos
Milena 32 anos	Mauro 34 anos
Marcelo 20 anos	Michele 20 anos

Foi discutido com a turma o motivo que as levaram a atribuir determinado sexo às figuras. A resposta foi que a figura A está segurando a figura B e por isso, deveria ser homem. Ou seja, a visão do homem como dominante. Quem respondeu que a figura A deveria ser mulher, justificou sua resposta, também, pela mão que segura a outra figura; dizendo que a mulher é mais carinhosa em comparação ao homem e por isso a figura A deveria estar fazendo carinho na outra figura. A criança que respondeu que as duas figuram eram mulheres, perguntou “E por que não pode ser?!”

Ao serem questionadas sobre o motivo pelo qual atribuíram aquelas idades as figuras, justificaram que as pessoas não podem ter idades muito diferentes para se beijarem. E por que gente mais velha não beija. Então perguntei se as pessoas deixavam de ser gente porque passavam dos 35 anos. Responderam-me que não, mas ao falarem no assunto surgiu, se os avós e as avós deles/delas não beijavam, alguns e algumas diziam ter nojo em pensar. Nisso, eu discuti com eles que a visão que temos com relação às pessoas mais velhas, é cultural, pois a nossa sociedade não valoriza os/as idosos/as; ao passo que em outras sociedades e culturas, os/as velhos/as são muito respeitados e valorizados. A

seguir fiz as seguintes perguntas, obtendo essas respostas: a) Porque anterior à menor idade não há beijo? Porque a sociedade não aceita e até os 12 anos é crime. b) Por que não há beijo em idade superior? Porque a sociedade encara o velho como imprestável e se os velhos se beijarem em público serão condenados.

Ao final da aula, mostrei a imagem completa, com o texto, e discuti com eles a diversidade e o respeito à pluralidade cultural e sexual. Depois, escreveram suas conclusões do assunto abordado.

4. CONCLUSÕES

O trabalho de reflexão sobre questões das relações de gênero e da sexualidade na escola possibilita a desconstrução de preconceitos, contribuindo nas identidades sexuais e de gênero das e dos estudantes. Por isso, merece muita atenção do professor ou da professora da turma com relação aos assuntos a serem abordados e como serão as discussões, além de ser um trabalho contínuo e processual.

Ao abordar as relações de gênero e a sexualidade foi, na medida do possível, importante para que as crianças da turma reflitam sobre o tema e desconstruam preconceitos. Lembrando que, esse trabalho vem sendo desenvolvido ao longo desses dois anos como professora da turma; por isso, venho construindo uma prática pedagógica com elas e eles no sentido da diversidade, não somente sexual.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. Parâmetros e Ausências. In: **Ofício de Mestre**. Miguel Arroyo. São Paulo: Vozes, 2003. p. 94-109.

CANEN, Ana; Gisele P. de M. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. **Rev. Bras. Educ.** v. 16, n. 48, set/dez 2011. p. 641-661. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a07.pdf>>

CUNHA, Maria de Fátima da. Temas Transversais dos PCNs: uma análise de gênero e sexualidade. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES UNIVERSITÁRIOS EM HISTÓRIA – ANPUH – **XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. São Leopoldo, 2007. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0499.pdf>>

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O Corpo Educado**: Pedagogia da Sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACEDO, Elizabeth F. de. Parâmetros Curriculares Nacionais: a falácia de seus temas transversais. In: **Currículo: políticas e práticas**. Antônio Flávio B. Moreira (org.) 5 ed. São Paulo: Papirus, 2000. p. 43-57.

SOUSA FILHO, Alípio de. A política do conceito: subversiva ou conservadora? - crítica à essencialização do conceito de orientação sexual. **Rev. Bagoas**. v. 3, n. 4. 2009. p. 59-78. Disponível em: <<http://incubadora.ufrn.br/index.php/Bagoas/article/view/476>>